

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET – FARMÁCIA)

Bolsista: Carolaine Amaral de Andrade Melo

Resenha crítica: Harriet

Harriet é um filme bibliográfico estreado nos Estados Unidos no ano de 2019 sob direção de Kasi Lemmons. A cineasta estadunidense também é autora de *Eve's Bayou* (1997) e *Talk to Me* (2007), filmes com os quais recebeu premiações internacionais. *Harriet* (2019) foi sua obra de maior sucesso, a qual narra a vida de Harriet Tubman, uma ex-escrava abolicionista que realizou missões para resgatar negros sulistas da escravidão em meados de 1850. Essa produção cinematográfica foi indicada ao Oscar (2020) e Globo de Ouro (2020), ambas na categoria Melhor Canção Original.

Harriet Tubman nasceu como escrava em 1822 no Estado de Maryland, Região Sul dos Estados Unidos. Seu nome de batismo era Araminta Ross, o qual foi trocado após sua libertação da escravidão. O filme se inicia com lembranças de Harriet (Cynthia Erivo) acerca da venda de suas irmãs, o que representa o sofrimento dos escravos para além da dimensão física. Após essa cena marcante, o público contempla a utilização da religião pelos senhores de escravos como forma de controle comportamental.

Observa-se que a escravidão não se limita ao aprisionamento do corpo e ao trabalho forçado, mas sim perpassa questões físicas e adentra também ao controle psicológico à medida que o indivíduo é separado dos familiares e ensinado a aceitar sua situação presente. Nesse sentido, pode-se refletir sobre a escravidão do século XXI, a exemplo do trabalho forçado nos interiores do Brasil, em que o sujeito sai de seu convívio familiar para trabalhar em lugares longínquos com a promessa de conseguir dinheiro e retornar. Entretanto, o dinheiro ganho não supera o montante de dívidas do empregado ao patrão, as quais foram criadas para garantir a subsistência do indivíduo. O resultado é um escravo do século XXI, o qual dificilmente retorna para casa.

Em seguida, o filme continua com a fuga de Harriet para a Filadélfia, após ter seu direito de liberdade assistido por documentação judicial negado pelo senhor de escravos, o qual ameaça vender Harriet e assim a separar do restante da família e marido. Dessa forma, ela percorre 160 km sozinha rumo à liberdade até encontrar abrigo na rede de ativistas antiescravatura *Underground Railroad*. É evidenciado nesse momento da trama a religiosidade de Harriet, assim como o misticismo que a guiou pelo caminho por meio de visões. Essa mesma fé levou Harriet a retornar ao Estado de Maryland 1 ano depois para fazer cerca de 19 missões e libertar mais de 300 escravos. O contraste dessa perspectiva da religião com a apresentada no início do filme demonstra sua importância na construção da moralidade individual, pois a mesma religião pode ser utilizada para aprisionar indivíduos ou para motivá-los na busca por liberdade, em qualquer esfera humana.

Por fim, outro aspecto de discussão suscitado por essa obra é a suposta supremacia branca. Nas missões realizadas por Harriet, ela ficou conhecida como Moisés o libertador de escravos, o que faz alusão ao personagem bíblico. Apesar de “Moisés (Harriet)” ser identificado como negro, os senhores de escravos desacreditavam da veracidade das informações e apontavam que se tratava, na verdade, de um homem branco com máscara de pele negra. Essa atitude dos personagens abre a discussão sobre a supremacia do homem branco em detrimento do negro, em que não se crê na capacidade do homem negro de realizar determinadas ações. Tal supremacia tem origem no racismo, o qual perdura até os dias atuais.

O filme “Harriet”, portanto, é uma obra relevante para a atualidade, pois além de narrar a biografia de Harriet Tubman e os trâmites da abolição da escravidão nos Estados Unidos, propicia ao público discussões pertinentes sobre assuntos diversificados. Em relação aos aspectos técnicos do longa-metragem, a utilização de trilhas sonoras e o fato dos personagens cantarem alguns trechos enriquece a obra e fixa a atenção do telespectador. Por outro lado, a ênfase dada à religiosidade e ao misticismo de Harriet prejudica o crescimento da personagem na trama.